



TÁTA NGANGA KIMBANDA KAMUXINZELA  
FEITIÇARIA TRADICIONAL BRASILEIRA

## GOÉCIA: DA GRÉCIA AO BRASIL PORQUE A QUIMBANDA É GOÉCIA BRASILEIRA

Rastrear o fio da *goêteia* na história ocidental é seguir os vestígios de como os homens se comunicaram com os mortos e com os espíritos do Submundo desde tempos imemoriais. Os testemunhos que herdamos — da Antiguidade ao período moderno — foram, quase sempre, escritos por *observadores externos*, muitas vezes adversários. Ainda assim, eles deixam entrever uma arte que assombra e fascina: um modo técnico-ritual de falar com deuses negros e sombrios das profundezas da terra e a miríade de espíritos que nelas habitam, principalmente mortos, enraizando no corpo e na terra — e não em abstrações transcendentais — a magia, a espiritualidade, a ancestralidade por meio da experiência estética.<sup>1</sup>

Antes de ler tais testemunhos, convém perguntar por que os possuímos. Em grande parte, a *goêteia* serviu como dispositivo literário: um artifício poético para produzir espanto, temor e nojo; outras vezes, foi o espelho negativo contra o qual filósofos, sacerdotes ou magos *respeitáveis* legitimaram a própria prática — de Platão (427–347 a.E.C.) às polêmicas cristãs. E, por fim, há uma razão prosaica: livros de goécia vendiam — grimórios *negros*, manuais de necromancia e *magia de resultados* que prometiam — poder acessível a todos, fora das hierarquias religiosas tradicionais.

Como tradição literária, portanto, a *goêteia* é terreno minado: o que chegou até nós foi manipulado, incompleto, por vezes hostil. Conhecer a prática implica, antes, compreender seu horizonte: uma arte fenomenológica, centrada na experiência — trabalhar com os mortos e com o Submundo no mundo, como formula a linha de pesquisa que retoma a *goêteia* desde as suas origens a partir do chão e da carne.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> No vocabulário filosófico clássico, *estético* deriva de *aisthēsis* (αἴσθησις), i.e. sensação/percepção: o domínio pré-reflexivo em que o corpo apreende o mundo por cheiros, sabores, sons, temperaturas, texturas e ritmos. Em Platão (427–347 a.E.C.) e Aristóteles (384–322 a.E.C.), *aisthēsis* não se reduz ao *belo*, mas nomeia as condições sensíveis do conhecer (*cf.* TEETETO; DE ANIMA). Só no Séc. XVIII o termo *estética* passa a designar uma disciplina autônoma: em Alexander Gottlieb Baumgarten (1714–1762), *aesthetica* é *scientia cognitionis sensitivae*, i.e. ciência do conhecer sensível; em Immanuel Kant (1724–1804), o juízo estético torna-se paradigma do *prazer desinteressado* (*cf.* CRÍTICA DA FACULDADE DO JUÍZO). Essa virada moderna estreitou o termo ao campo das artes e do belo contemplativo, eclipsando sua raiz somática. Correntes contemporâneas — John Dewey (1859–1952), Maurice Merleau-Ponty (1908–1961), e a *somaestética* de Richard Shusterman (n. 1949) — restituem a precedência do corpo próprio: percepção encarnada, sinestesia, gesto e hábito como gramática do sentido. É nesse registro que práticas côntricas (goécia/Quimbanda) se entendem esteticamente: não como estética do *belo*, mas como *aisthēsis* operativa — fumigações, paladares rituais, vibrações sonoras, calores e vertigens — em que o corpo, longe de ser mero veículo, é o próprio meio de eficácia simbólica e relacional. Ver Platão. DIÁLOGOS. Vol. I. Edipro, 2014. O TEETETO, discute a percepção sensível (*aisthēsis*) como forma inferior de conhecimento, contraposta à *epistêmē*. Ver também Aristóteles. DA ALMA. Edipro, 2011. Em DE ANIMA, Aristóteles propõe a *aisthēsis* como faculdade anímica que conecta corpo e alma, fundamento da experiência cognitiva. Ver também Alexander Gotlieb Baumgarten. AESTHETICA. Vol. 1. Legare Street Press, 2023. Ver também Immanuel Kant. CRÍTICA DA FACULDADE DO JUÍZO. Forense Universitária, 2012. Para uma introdução concisa sobre o tema, ver David Howes (Ed.). THE VARIETIES OF SENSORY EXPERIENCE: A SOURCEBOOK IN THE ANTHROPOLOGY OF THE SENSES. University of Toronto Press, 1991.

<sup>2</sup> Ver a leitura programática em Jake Stratton-Kent. GEOSOPHIA. 2 Vols. Scarlet Imprint, 2011.

E aqui a filologia ajuda: *goēs* designa, em grego arcaico, o operador; *goēteia*, o seu ofício. Etimologicamente, a palavra remete ao lamento fúnebre (*goos*): a voz *mágica* que guia a alma ao Hades e, inversamente, a convoca. Eis a matriz necromântica da *goēteia*: ritos noturnos, canto, dança, libações, sangue, oferendas — tecnologia concreta de afetação do corpo que envolve mortos, deuses ctônicos e guardiães liminares como Hécate ou Hermes Cônico.

Homero (Séc. VIII a.E.C.)<sup>3</sup> já conhecia o repertório que depois acolherá o nome *goēs*: *phármaka* (poções, drogas), *aoidé* (cantos), *thelktería* (encantos), *technásma* (ardis). O alvo não é o *além* abstrato, mas a carne, a percepção, a aparência — aquilo que gordura, sangue, fumaça e canto *fazem* à pele e aos nervos. Nas BACANTES (230–240) de Eurípides (480–406 a.E.C.),<sup>4</sup> o *goēs* aparece como estrangeiro, efeminado e perigoso — por isso mesmo irresistível: um operador liminar que irrompe na pôlis com seus bastões, vinhos, tigelas e danças.<sup>5</sup>

Na geografia mental grega, o *oikouménē* (mundo habitado) é cercada pela *ferida* onde o Outro sangra para dentro do Mesmo; os antigos chamaram o Mar Negro de *Áxeinos Póntos* (i.e. *inóspito*) e, depois, *Euxeínos* (i.e. *hospitaleiro*), em gesto apotropaico. Ali, segundo a erudição moderna, passaram influências trácias e citas — xamanismos que ajudam a compreender a *goēteia* como religião ctônica, doméstica e *de baixo*, i.e. periférico, do povo, e que depois foi demonizada pelo classicismo urbano.<sup>6</sup>

É decisivo entender a *goēteia* como religião doméstica dos mortos: túmulos como altares, libações de mel, leite, vinho, água salgada; sacrifício cujo sangue *alimenta* os mortos e lamentações que lhes dão direção. O *goēs* garante repouso aos que partiram, apazigua almas sem descanso e sepultura, mas também pode convocá-las para aconselhamento e direção, pactos e juramentos, vingança ou destruição, bençãos e abertura de caminhos — daí a conjunção estrutural entre exorcismo e convocação.<sup>7</sup>

<sup>3</sup> Poeta épico grego a quem se atribuem a ILÍADA e a ODISSEIA, obras-fundamento da literatura ocidental. Sua existência histórica é envolta em incerteza: as tradições antigas o situam entre 750 e 650 a.E.C., possivelmente originário da Jônia (Ásia Menor).

<sup>4</sup> Dramaturgo ateniense, o mais jovem dos três grandes trágicos da Grécia clássica, ao lado de Ésquilo (525–456 a.E.C.) e Sófocles (496–406 a.E.C.). Autor de cerca de noventa peças, das quais dezoito chegaram até nós, incluindo MEDEIA, AS BACANTES e HIPÓLITO. Sua obra introduziu um tom psicológico e crítico inédito na tragédia grega, enfatizando paixões humanas e conflitos morais.

<sup>5</sup> Para uma contextualização geral em português ver Fernando Liguori. DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTSE DA MAGIA. Clube de Autores, 2024. Fernando Liguori. WANGA: O SEGREDO DO DIABO. Clube de Autores, 2024. Humberto Maggi. GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA. Clube de Autores, 2020. Humberto Maggi. OPUS DIABOLI. Clube de Autores, 2024. Fustel de Coulanges. A CIDADE ANTIGA. Martin Claret, 2019. Em inglês ver Daniel Ogden. GREEK AND ROMAN NECROMANCY. Princeton University Press, 2001. Daniel Ogden. MAGIC, WITCHCRAFT, AND GHOSTS IN THE GREEK AND ROMAN WORLDS. Oxford University Press, 2009. Sarah Iles Johnston. RESTLESS DEAD. University of California Press, 1999.

<sup>6</sup> Karl Meuli. Scythica. Em HERMES. Vol. 70. Weidmannsche Buchhandlung, 1935, pp. 121–176. Peter Kingsley. IN THE DARK PLACES OF WISDOM. The Golden Sufi Center, 1999, pp. 45–72. Esses estudos — de Meuli a Kingsley — compõem a genealogia acadêmica que identifica no Mar Negro (*Áxeinos Póntos-Euxeínos*) o corredor cultural por onde práticas xamânicas citas e trácias penetraram o mundo helênico arcaico, influenciando os cultos de Hécate, Hermes e Dioniso, e a formação da *goēteia* como religião ctônica dos mortos e das fronteiras. Ver também Walter Burkert. ΓΟΗΣ: Zum griechischen «Schamanismus». RHEINISCHES MUSEUM FÜR PHILOLOGIE. Vol. 105, 1962, pp. 36–55. Ver também Arthur Versluis. ENTERING THE MYSTERIES: THE SECRET TRADITIONS OF INDIGENOUS EUROPE. New Culture Press, 2016.

<sup>7</sup> Na *goēteia* antiga, as fronteiras entre expulsar (*exorkízein*) e convocar (*epikaléō*) nunca foram antagônicas, mas complementares: ambas as ações derivam da relação com os mortos e os *daimones*. O mesmo *goēs* que apaziguava almas errantes sem descanso (*aōroi, biaiothánatoi*) podia igualmente convocá-las para um fim oracular, terapêutico ou punitivo. Exorcizar significava restabelecer ordem e repouso; convocar, reabrir o canal entre vivos e mortos. Essa dupla função é atestada desde os *kataedesmoi* (tábuas de maldição) gregos até as *defixiones* romanas — instrumentos de sujeição e de consulta ao mesmo tempo. Como observa Richard Gordon, *a figura do goēs emerge precisamente como cantor e mediador entre os mortos particularizados e os vivos, invocando*

O passo seguinte — e aqui começa a nossa ponte — é perceber como essa religião ctônica se transforma, sem perder seu núcleo, nas técnicas que aparecem posteriormente nos grimório. A *goêteia* helenística floresce nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS; mais tarde, no *ciclo salomônico*, a necromancia é reempacotada como *nigromancia* (magia negra), em chave cristã: os mortos sem descanso viram *demônios*, e a autoridade do operador desloca-se das inteligências e potências da Terra aos nomes das hostes do Céu. Ainda assim, o esqueleto técnico (círculos, perfumes, assinaturas, pactos, fogo e sacrifício) permanece reconhecível.<sup>8</sup>

No GRIMORIUM VERUM — texto central do renascimento moderno da goécia — a lógica é franca: convoca-se para pactuar; pactua-se para operar (divinação, malefício, cura, invisibilidade, fortuna). Um único braseiro, vários fumos, selos traçados, horários noturnos: o teatro é sublunar; os atores, ctônicos e aéreos. A linguagem é cristianizada, mas o motor é a *goêteia* antiga.<sup>9</sup>

O que acontece quando tudo isso — a antiga religião ou culto aos mortos, a tecnologia dos grimórios, a teologia dos demônios — atravessa o Atlântico e deságua num caldeirão afro-ameríndio-ibérico? Acontece a *Quimbanda*. No Brasil, entre fins do Séc. XIX e meados do XX, as Macumbas, os Candomblés, os Calundus e as Cabulas convivem, cruzam e retroalimentam-se com catolicismo popular, espiritismo francês, e trucagens de grimórios como O LIVRO DE SÃO CIPRIANO.

Nesse processo, Exu — que chega como *òrìṣà caluniado* nas fontes missionárias — adquire uma segunda vida como *espírito* de mortos deificados e *encantados* da terra; recebe fumo, sangue, farinhas, cachaças e pós; assenta-se em ferros, pedras, vasos e caldeirões. O operador é o *kimbanda* (no sentido banto de *técnico ritual*), que maneja encruzilhadas, cruzeiros, matas, praias e cemitérios. O léxico é brasileiro, a estrutura é a mesma da *goêteia* antiga: pactos, oferendas, sacrifícios, assinaturas e a convocação de espíritos tutelares.

A *incursão diabólica* de meados do Séc. XX — catalisada por Aluízio Fontenelle (1913-1952) — apenas nomeia explicitamente o que já estava em marcha: Exus emparelhados aos espíritos do VERUM e a trindade infernal (Lúcifer, Beelzebuth, Ashtaroth) como gramática do Submundo, reinos operativos (Águas, Matas, Almas,

---

Hécate e Hermes nas passagens entre os mundos. Ver Richard Gordon. *Imagining Greek and Roman Magic*. Em Bengt Ankarloo e Stuart Clark (Eds.). WITCHCRAFT AND MAGIC IN EUROPE: ANCIENT GREECE AND ROME. University of Pennsylvania Press, 1999, p. 185. No plano teológico, tal ambivalência reaparece em tradições afro-atlânticas: o mesmo sacerdote que despacha ou afunda os espíritos é aquele que os convoca sob pactos e os instala em fundamentos. A conjunção entre exorcismo e convocação, portanto, não é paradoxo, mas estrutura: toda expulsão é também um chamado, toda pacificação implica negociação.

<sup>8</sup> Os PAPIROS MÁGICOS GREGOS constituem o principal testemunho da *goêteia* helenística em sua forma viva e experimental. Produzidos em ambiente greco-egípcio, combinam fórmulas em grego, copta e demótico, contendo invocações a divindades ctônicas, operações necromânticas, consagrações de imagens, pactos e ritos de convocação dos mortos (*psychagogía*). Neles, a fronteira entre magia e religião é fluida: o operador se dirige tanto a Hécate e Hermes quanto a Ísis, Thoth e Anúbis, buscando poder através de alianças diretas com *daimones* sublunares e astrais. Com o advento do cristianismo tardio, essa tecnologia de contato foi reinterpretada sob a ótica da demonologia teológica. O termo latino *nigromantia* — corrupção de *necromantia* — surge para designar a *magia negra* proibida: a evocação dos mortos é recodificada como convocação de demônios, e as antigas divindades inferas são reclassificadas como anjos decaídos. A GOÉCIA DE SALOMÃO, o HEPTAMERON e o GRIMORIUM VERUM são produtos diretos dessa transmutação semântica: herdeiros da *goêteia* helenística, mas revestidos da gramática angelológica cristã. Assim, a continuidade técnica (círculos, nomes, fumaças, sangue, fogo) subsiste sob novo léxico teológico. Ver Fernando Liguori. DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTSE DA MAGIA. Clube de Autores, 2024. Fernando Liguori. WANGA: O SEGREDO DO DIABO. Clube de Autores, 2024. Humberto Maggi. GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA. Clube de Autores, 2020. Humberto Maggi. OPUS DIABOLI. Clube de Autores, 2024. Daniel Ogden. GREEK AND ROMAN NECROMANCY. Princeton University Press, 2001. Daniel Ogden. MAGIC, WITCHCRAFT, AND GHOSTS IN THE GREEK AND ROMAN WORLDS. Oxford University Press, 2009. Bengt Ankarloo e Stuart Clark (Eds.). WITCHCRAFT AND MAGIC IN EUROPE: ANCIENT GREECE AND ROME. University of Pennsylvania Press, 1999.

<sup>9</sup> Para o desenho técnico, cf. a leitura de GEOSOPHIA op. cit. e o dossier de rituais preservados nos grimórios azuis franco-italianos.

Encruzilhadas, Trevas etc.) e técnicas de feitiçaria. A Quimbanda organiza, com sotaque brasileiro, a velha *goêteia* necromântica e *nigromântica*.

Por isso, quando dizemos *Quimbanda é goécia brasileira*, não é metáfora: o sistema inteiro é sublunar, noturno, ctônico; trabalha com mortos (*égún*) deificados, com *espíritos* da terra e do ar, com deuses/diabos *terrestres* assentados, com topografias mágicas (encruzilhada, cruzeiro, mata, praia, cemitério etc.) e com o estilo técnico dos grimórios (selos/assinaturas, fumigações, convocações, sacrifício de sangue e segredos iniciáticos).

Do ponto de vista filosófico, a *goêteia* — e sua herdeira brasileira — não é *psicológica*, mas relacional: um *ser-com* os espíritos. O objetivo não é *representar* o divino, mas *comer e beber* com os mortos; não é *elevar-se*, mas descer (*katábasis*), firmar pacto, partilhar substância (*phármakon*, sangue, fumaça, hálito) e instaurar reciprocidades.<sup>10</sup> A Quimbanda retoma esse programa por meio de fundamentos diversos, numa economia de oferendas e sacrifícios que reacende a magia europeia *desvitalizada*, o que constitui a *nova síntese da magia*.<sup>11</sup>

Na gramática da goécia, o instrumento-chave é o espírito tutelar — *paredros*, *daimōn* pessoal, Sagrado Anjo Guardião, o *diabo pessoal* fáustico etc.<sup>12</sup> Na Quimbanda ele toma o nome de Exu tutelar: é com ele que o *kimbanda* aprende, negocia, domina *legiões* de espíritos e, por seu intermédio, convoca os do VERUM e congêneres. Trata-se de continuidade orgânica — não de colagem — entre fórmulas antigas e a prática viva do culto.

Em termos técnicos, os mapeamentos de GEOSOPHIA<sup>13</sup> ajudam a ver a continuidade: fogo único (braseiro) com fumos alternados; múltiplos selos e *assinaturas* em operações seriadas; centralidade do pacto como marco inaugural; autoridade baseada em *família espiritual* e não em *hierarquia angélica* abstrata; uso de topografias liminares (cavernas, cruzes de caminhos, necrópoles). A Quimbanda preserva e reinventa todas essas peças no seu próprio idioma ritual.

Historicamente, o Brasil funcionou como um *pandemônio* crioulizado — no sentido etno-histórico: um campo de encontro de *daimones* mediterrânicos (via grimórios e catolicismo popular), espíritos africanos, encantados indígenas e as *almas do povo*. A Quimbanda é a engenharia ritual que estabiliza tal campo: traduz, assenta, pactua; dá corpo a *deuses terrestres* (Exus e Pombagiras) e estabelece o comércio cotidiano com eles.

Isso explica a insistência da Quimbanda no *fundamento* (assentamento teléstico) e nos *reinos* (cosmologia operativa): nada de contemplação desencarnada; tudo

---

<sup>10</sup> O termo *reciprocidade* aqui deve ser entendido em seu sentido ritual, ontológico e não moral. Na *goêteia* — e nas tradições afro-diaspóricas que a prolongam — o vínculo entre homem e espírito é sustentado por trocas materiais e simbólicas que produzem *co-presença*: libações, oferendas, sacrifícios, fumigações, cantos e dança são meios de circulação de substância entre planos. Essa dinâmica se aproxima do princípio de *do ut des* (i.e. *dou para que dés*), mas o ultrapassa: não é mera barganha, mas partilha de potência (*àsę, virtus, energeia*). Ao *comer e beber com os mortos*, o *kimbanda* alimenta e é alimentado — estabelece uma economia de dádiva em que o fluxo vital se renova simultaneamente nos dois mundos. Marcel Mauss (1872–1950) em SOBRE o SACRIFÍCIO (Ubu, 2017), já mostrava que a dádiva cria obrigações mútuas e conecta a comunidade à realidade dos espíritos que recebem os sacrifícios; porém, no horizonte da *goêteia*, essas obrigações ultrapassam o humano e incluem os espíritos e os mortos como parceiros ontológicos. Assim, *instaurar reciprocidades* significa restabelecer o circuito de intercâmbio entre o visível e o invisível, de modo que a magia não seja dominação, mas convivência e continuidade da vida.

<sup>11</sup> Ver Fernando Liguori. DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA. Clube de Autores, 2024. Fernando Liguori. WANGA: O SEGREDO DO DIABO. Clube de Autores, 2024.

<sup>12</sup> Ver Fernando Liguori. DAEMONIUM: CURSO DE FILOSOFIA OCULTA. Clube de Autores, 2019. Fernando Liguori. DAEMONIUM: A QUIMBANDA NO RENASCE DA MAGIA. Clube de Autores, 2022.

<sup>13</sup> Jake Stratton-Kent *op. cit.* Ver também Jake Stratton-Kent. THE TRUE GRIMOIRE. Scarlet Imprint, 2010.

converge para um *cosmos de vizinhança*<sup>14</sup> em que o *kimbanda* alimenta e é alimentado — por sangue, fumaça, óleos, ungamentos, perfumes, pólvora, sal, mel, farinhas, cachaças, ervas, pós. É a velha ciência ctônica, aqui tropicalizada.

Do ponto de vista acadêmico, a tese tem duas pernas: i. continuidade estrutural — *goêteia* como religião dos mortos - Papiros - grimórios - Quimbanda; ii. transformação crioula — cruzamentos afro-atlânticos, espiritismo kardecista, catolicismo popular ibérico, pragmatismo urbano brasileiro. O resultado é uma *goêteia* do Sul: ferozmente pragmática, devocional e mágica ao mesmo tempo.

Por isso, quando se lê GEOSOPHIA de Stratton-Kent junto aos meus DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTSE DA MAGIA e WANGA: O SEGREDO DO DIABO, salta aos olhos a homologia: *vida de goécia*, quer dizer, *ser-com* espíritos como eixo de cosmovisão; *katábasis* como método; *deuses terrestres* como tecnologia; e *família* como linguagem: listas de espíritos, reinos, linhas e chefias não são *catálogos*, mas árvores genealógicas espirituais. A Quimbanda reorganiza a *dramatis personae* dos grimórios dentro do seu *pandemonium* brasileiro.

O mesmo vale para São Cipriano: herói da goécia *par excellence*, cujo *espírito* encarna a fórmula tutelar (pacto, ciência dos mortos, poder sobre demônios). No Brasil, Cipriano se torna Exu Cipriano; e O LIVRO DE SÃO CIPRIANO funciona como talismã de interface, catalisando pactos, leituras, assinaturas e assentamentos — ponte entre a necromancia europeia e a Quimbanda.

Conclusão intermédia: a Quimbanda não *imita* a goécia europeia; ela a completa — devolve-lhe carne e sangue; restitui o vínculo com mortos e encantados que a literatura ritual cristianizada havia diluído; amplia o repertório técnico (padê, firma, mironga); conserva o núcleo primitivo da goécia (pacto, convocação, ciência das assinaturas mágicas etc.). É, assim, goécia — mas brasileira.

Em termos sociológicos, isso explica a ambivalência do olhar externo: como o *goês* dionisíaco, o *kimbanda* ocupa a borda; faz o que é *útil* (cura, ataque, amarração, abertura, justiça), em linguagem e economia próprias; desafia fronteiras morais herdadas; não se fecha numa soteriologia abstrata. O resultado é uma arte liminar, ao mesmo tempo doméstica e terrificante: familiar, porque partilha mesa com os mortos; perigosa, porque mexe com eles.

Em termos ontológicos, falar que a Quimbanda é *goécia brasileira* é afirmar uma metafísica do sublunar: tudo se dá na vizinhança da Terra; o que decide é o trato, não a crença; a eficácia, não a ortodoxia; o fundamento, não a retórica. A Quimbanda é a *vida longa da goêteia* no Atlântico Sul.

Em termos históricos, portanto, a linha é contínua e plausível: religião ctônica dos mortos - necromancia helenística - grimórios de goécia - Macumba/Quimbanda - síntese de Fontenelle - *grimoire revival*. Ao final desse arco, a proposição está justificada: a Quimbanda é *goêteia* — com sotaque, *àṣẹ* e ferro do Brasil.

---

<sup>14</sup> A expressão *cosmos de vizinhança* designa, neste contexto, uma cosmologia relacional e imanente, em oposição às concepções transcendentais ou hierárquicas do universo. Inspirada em modelos africanos e helenísticos de coabitação entre vivos, mortos e divindades, essa noção descreve um mundo habitado por múltiplas presenças interdependentes, onde a proximidade — não a distância — funda a ordem ontológica. No pensamento bantu, o Cosmos é uma rede de *muntu* (forças-vivas) em constante interação (*ntu* como princípio de correlação universal, segundo Tempels e Kagame), e a sacralidade manifesta-se nos intercâmbios vitais entre pessoas, ancestrais, objetos e elementos naturais. O mesmo princípio se encontra na *goêteia* e na teurgia antiga, em que o corpo e a terra constituem mediações do divino. Falar em *cosmos de vizinhança*, portanto, é reconhecer que a Quimbanda organiza sua metafísica não pela verticalidade teológica, mas pela horizontalidade dos vínculos — um sistema ecológico de presença mútua, onde o *kimbanda* e seus espíritos se alimentam reciprocamente em um território comum, feito de matéria, gesto e afeto. Ver Placide Tempels. FILOSOFIA BANTU. Vozes, 2025. Alexis Kagame. LA PHILOSOPHIE BANTU-RWANDAISE DE L'ÊTRE. Académie Royale des Sciences Coloniales, 1956. Fernando Liguori. WANGA: O SEGREDO DO DIABO. Clube de Autores, 2024.

